

## APRESENTAÇÃO

**Práticas de ensino de História em contextos:  
indagar, analisar e teorizar sobre aulas de História***History Teaching Practices in Contexts: Inquiring,  
Analyzing, and Theorizing on History Classes*

Ana Zavala (CLAEH)\*

Carmem Zeli de Vargas Gil (UFRGS)\*\*

Marisa Massone (UBA)\*\*\*

O ensino de história teve um papel que outras disciplinas escolares não tiveram, historicamente. É, seguramente, a disciplina escolar da qual ainda hoje se esperam aprendizagens mais transcendentais, ligadas à cidadania e à vida política dos estudantes. Isso está, sem dúvida, ligado à natureza particular do conhecimento histórico e às grandes mudanças por que passou, sobretudo ao longo do século XX, das quais a própria filosofia da história dá conta abundantemente. Não é de se estranhar, portanto, que o seu ensino apareça bibliograficamente e curricularmente associado a convicções nacionais, étnicas, filosóficas, ideológicas, assim como o respeito e a reparação de vítimas de situações políticas, econômicas ou sociais. No fundo, é a natureza política e ideológica do conhecimento histórico que faz do seu ensino uma questão sempre em foco para analistas de diversas origens: acadêmicos, em primeiro lugar, mas também políticos, jornalistas e ensaístas. No entanto, a aproximação à história, o prazer de ler e aprender história, segue outros caminhos, alguns dos quais conduzem, por exemplo, à escolha por ser professor/a de his-

---

\* Centro Latinoamericano de Economía Humana (CLAEH), Montevideo, Uruguay. azavala@claehe.edu.uy <<https://orcid.org/0000-0001-6324-1344>>

\*\* Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Rio Grande do Sul, Brasil. carmemz.gil@gmail.com <<http://orcid.org/0000-0002-3455-3960>>

\*\*\* Universidad de Buenos Aires (UBA), Ciudad de Buenos Aires, Argentina. marisamassone@hotmail.com <<https://orcid.org/0000-0002-4186-09>>

tória ou historiador/a. Lucien Febvre confessa, sem vergonha, que *gosta* de história e, por isso, é historiador (FEBVRE, 1970, p. 37).

Os professores/as de história nunca foram alheios à natureza – às vezes camaleônica – dos saberes que ensinam, o que faz com que suas reflexões sobre seu trabalho profissional sejam, possivelmente, tão históricas quanto a história que ensinam a aprender aos estudantes. Como veremos em muitos artigos deste dossiê, existe um conjunto de ferramentas de análise que é comum a historiadores e professores de história. Também é verdade que, para quem não aborda a sua prática, mas estuda questões mais globais do ensino da história – passada ou presente – este conjunto de ferramentas analíticas é perceptível, e pode ser identificado em vários dos artigos deste dossiê.

No fundo, pensar o outro – ou os outros – como si mesmo, ou pensar-se como outro (de modo ricoeuriano, RICOEUR, 2006) é um desafio interessante no ensino de história. Para isso, é preciso distinguir a noção de atividade e a de prática propriamente dita (BARBIER, 2000a, 2000b, 2011). Uma aula de história é, sem dúvida, uma atividade, mas é também uma prática – no sentido aristotélico da práxis – porque não é só entrar na sala de aula, colocar-se diante dos estudantes, fazer um discurso, interagir com eles, escrever no quadro etc. A prática sempre tem um significado, tal como o elo de uma corrente que une motivos, ações e intenções.

Trata-se, sem dúvida, de uma circunstância muito particular que traça uma linha tênue entre a ação e a compreensão da ação, pois coincidem o ator da ação analisada e aquele que se encarrega da tarefa de analisá-la. Ao longo do século XX, e também do XXI, esta questão tem revelado ao mundo das Ciências Sociais, em particular da História e da Sociologia (e ainda da Hermenêutica), que estão constantemente buscando maneiras de chegar ao ponto zero da questão, o que os sujeitos pensavam, temiam ou queriam muito dizer ou fazer ao agir de tal modo. Essa questão fundamental é, muitas vezes, transferida para as aulas de história, e para as propostas didáticas elaboradas para se ensinar. É possível encontrar uma vasta bibliografia em torno da imaginação histórica (LEE, 1984; SHEMILT, 2011), ou da sua versão mais didática, que é a empatia com os grupos da “pré-história”, os soldados franceses nas trincheiras, as mulheres inglesas de classe média no século XIX ou os povos indígenas da América durante a ocupação europeia. No entanto, os professores e professoras sabem que cada estudante é um mundo e somente podemos

nos aproximar do que pensam, acreditam, interpretam ou simplesmente podemos suspeitar o que representam suas palavras em relação à compreensão do passado na aula de história.

Nesse sentido, este dossiê tem uma particularidade fortemente inovadora e desafiante. Conjugou, em harmonia, visões analíticas dos professores de história em relação aos diferentes momentos de seu trabalho profissional, com visões mais globais sobre as diferentes formas como os professores utilizam livros didáticos e documentos visuais, ou mesmo as formas como esse universo tão fascinante – as aulas de história – podem ser investigadas de maneira instigante e proveitosa para o campo do ensino de história.

Os textos que compõem este dossiê foram escritos por autores e autoras do Brasil, da Argentina e do Uruguai, e contemplam a diversidade de abordagens de práticas de análise das situações educativas, nos diferentes âmbitos do sistema educacional. Em alguns casos, as escritas apresentadas combinam a autoria/agência da ação de ensinar história com a de escrever. Em outros, o foco recai na análise e na interpretação das práticas de ensino, a partir da observação de diversas situações educativas das quais o pesquisador não faz parte. Essa diversidade reflete as possibilidades em relação à análise das práticas de ensino. Foi apenas no final dos anos 70 do século passado que as investigações dedicadas à compreensão das práticas de ensino – sempre com a intenção última de orientar/modificar/melhorar –evidenciaram a importância de se considerar o que os professores e professoras pensavam, acreditavam, sentiam, teorizam... (GAGE, 1975).

Nesse contexto, alguns teóricos se dedicaram a encontrar maneiras de aprimorar a agência dos professores e professoras, assim como a relevância de seu pensamento. É o caso, por exemplo, da investigação-ação (CARR & KEMMIS, 1986). Ainda temos outros teóricos que têm buscado formas de ver os professores e professoras como teóricos de suas práticas (WHITEHEAD, 2008; COCHRAN SMITH & LYTTLE, 1993; SCHUBERT, 1992; STONE, 1992). No entanto, isso não tem resultado em grandes modificações no âmbito mais geral das pesquisas sobre as práticas docentes. Ao contrário, no momento atual, assistimos a uma grande diversidade de investigações com forte inspiração sociológica, histórica ou mesmo psicanalítica, dividindo o espaço com diversas outras formas de reconhecer a voz dos professores em relação à compreensão do seu próprio fazer. Em um lugar que poderia ser pensado co-

mo uma catacumba – especialmente por sua invisibilidade para muitos âmbitos acadêmicos interessados nas práticas docentes – sabemos que em muitos campos profissionais há um lugar para os professores e professoras pensarem e analisarem – sob o signo da reflexão, talvez – suas próprias práticas de ensino. Nas últimas décadas, uma abundante bibliografia, proveniente de distintos âmbitos, tem acentuado a importância da palavra falada ou escrita dos professores e professoras (CHARTIER, 2003; CIFALI, 1995; CIFALI & ANDRÉ, 2007; CLANDININ & CONNELLY, 1996; LIBERMAN & WOOD, 2001; RICHERT ERSHLER, 2001; RITCHIE & WILSON, 2000). De certa forma, este dossiê dá conta dessa possibilidade ao oferecer aos leitores o testemunho privilegiado de dois mundos que nem sempre dialogam entre si, a saber, o dos professores das escolas – raramente publicados em periódicos – e o dos professores das universidades – usualmente publicados em livros e revistas acadêmicas.

É assim que o termo contexto, que define o dossiê, adquire verdadeira profundidade, na medida em que os diferentes contextos de práticas e produção de textos em relação a elas se mantêm fortemente estruturados, dando uma conotação particular ao prefixo “con” de contexto. Portanto, o dossiê abarca desde o trabalho dos professores de história que descrevem e analisam o que fazem em suas aulas, até os que trabalham nas salas de aula da formação de professores ou ainda em investigações sobre práticas escolares centradas no ensino da história. Assim, em alguns casos, o contexto para a escrita do texto é tanto o autor/a como agente da ação de ensinar quanto o autor/a da análise do que aconteceu em sua aula. O que parece ser uma diferença essencial, na verdade não é, porque todos são autores, e todos, ao escrever, falam de si mesmos. Nesse sentido, o eixo central deste dossiê é a análise das práticas de ensino de história – de dentro ou de fora da sala de aula – que por si só se revela enormemente diversa em suas abordagens investigativas ou analíticas.

Para muitos autores e autoras deste dossiê, o processo de pensar o que se faz pode resultar na construção de novos sentidos para o que fazemos quando ensinamos história. Este movimento traz a possibilidade de ampliar a compreensão do fazer docente. A relevância deste movimento reside, por um lado, no que significa para o professor e para a professora colocar em palavras públicas – isto é, para além do íntimo ou privado – uma vertente do seu trabalho profissional. Por outro lado, cria a possibilidade de outros docentes acessa-

rem essa produção. De formas diferentes, muitos são os testemunhos sobre os benefícios que uns e outros tiram tanto deste tipo de escrita como da sua leitura – que é basicamente um diálogo com o outro e consigo mesmo. Assim, ao ler textos em que os professores e professoras escrevem sobre o que fazem, o leitor ou outros professores passam a se ver nesse papel, tanto em sintonia quanto em contraste com o que está lendo.

Ainda podemos pensar as práticas desde a contribuição da história cultural. Associadas ao conceito de cultura escolar (VIDAL, 2007), surgem trabalhos de alguns autores (CHERVEL, 1991; JULIÁ e CUESTA FERNÁNDEZ, 1997) que consideram que a escola não é apenas uma reprodução daquilo que é produzido fora dela (por exemplo, o conhecimento acadêmico sem o qual não faria sentido), mas produtora de sua própria cultura em sentido mais amplo. A escola produz as disciplinas e, portanto, a história como disciplina escolar é um espaço de produção de saberes, materialidades e práticas infinitamente diversas e instáveis inventadas no cotidiano escolar e reinventadas no discurso que sustenta a análise, seja quem for seu autor ou autora. Essas práticas não incluem apenas as ações visíveis e observáveis dos professores e professoras, mas também um “conjunto de conhecimentos, gestos, comportamentos, ações, sentidos, ideias, afetos e emoções” (GONZALEZ, 2020). De fato, não só são visíveis para os investigadores, como muito antes – e como mostram vários dos artigos deste dossiê – fazem parte da forma natural de compreender o que um professor ou uma professora faz nas suas aulas. Isso é relativamente independente de como pode ser entendido por observadores, colegas ou leitores de suas produções analíticas.

É importante destacar também que os textos reunidos neste dossiê, além de evidenciarem a singularidade em suas abordagens analíticas tanto da narração quanto do que é narrado, fazem parte de uma prática cada vez mais difundida no meio profissional e acadêmico, no sentido de aguçar a compreensão do trabalho docente a partir e sobre a própria sala de aula. Essas afirmações estão amparadas por uma bibliografia bastante ampla, conceitual e geograficamente, que se preocupou – pelo menos nas últimas três décadas – em pensar e estimular à escrita – descritiva, testemunhal, mas sobretudo analítica – das práticas profissionais dos professores, não somente os de história.

No Uruguai, temos um numeroso grupo de professores e professoras de história que há vários anos se dedicam a produzir e publicar escritas que teo-

rizam suas práticas no ensino, resultando em artigos e livros (2004-2023)<sup>1</sup> que fazem parte de uma experiência de escrita acompanhada e compartilhada. Nesse contexto de trabalho coletivo, vemos materializada e publicamente exposta a tarefa de *teorizar la práctica de la enseñanza*, ou, em outras palavras, de *pensar teoricamente a prática de ensino da história* (ZAVALA, 2015). Segundo essa perspectiva, existe uma diferença radical quando um investigador analisa uma ação de ensinar história e quando um(a) professor(a) faz essa análise. “La diferencia radical está en el hecho de que en el segundo caso coinciden el actor de la acción analizada y quien se aboca a la tarea de analizarla” (ZAVALA, 2008, p. 187). Para Zavala, ainda que em ambos os casos trate-se do estudo de uma prática, o que resulta desse estudo é diferente em cada situação. Porém, tanto no caso da análise pelos próprios professores quanto por pesquisadores externos, há sempre duas práticas, a analisada e a de análise. Não devemos nos iludir ao pensar que ao lermos a análise de uma prática educativa estamos em contato direto com essa prática. Aquilo com que estamos em contato é, em todo o caso, a prática da análise ou da investigação acadêmica, que também assenta necessariamente numa tarefa de análise. De alguma forma, e mais ainda no que diz respeito ao ensino da história, sentimos que temos algo em comum com os historiadores e historiadoras, que, em última análise, o que nos mostram não é tanto o passado a que se referem, mas o fruto do seu trabalho de investigação, e mais ainda, o texto que escreveram. Para o caso da teorização da prática de ensinar história há uma notável singularidade, já que “el trabajo de teorización está así incorporado y entrelazado con la dimensión práctica de la enseñanza de la historia” (ZAVALA, 2008, p. 190), que é ao mesmo tempo objeto de análise e campo de prática no futuro, mantendo ou alterando – radical ou parcialmente – o modo de fazer que deu origem ao trabalho de análise. O mesmo não acontece com os historiadores e historiadoras.

Em 2017, foi publicado no México o livro *De la práctica a la escritura, Trece ensayos en torno a la práctica de la investigación y a la de la enseñanza* (ZAVALA, comp., 2017), que tem a originalidade de incluir escritos de professores, mas também de pesquisadores da história. Em 2019, a publicação do livro *Múltiplas vozes na formação de professores de História: experiências Brasil-Argentina*<sup>2</sup> traz um conjunto de experiências de professores e professoras em torno do conhecimento das práticas e dos saberes docentes. Atenta às

múltiplas vozes, a obra reúne a escrita de docentes da educação básica, ensino superior e inclui a voz do professor e da professora em formação. Revela, portanto, a rede de sujeitos envolvidos na docência, suas escolhas, apostas, expectativas para realizar/analisar práticas em diferentes contextos. No Brasil, há atualmente um livro no prelo, intitulado *Escritas de ensino de história em primeira pessoa*, que é uma coletânea de textos como as anteriores, que inclui autores e autoras do Brasil, Uruguai e México. Os primeiros cinco artigos do dossiê poderiam ter feito parte de qualquer um desses livros. Alguns deles também são autores dos artigos deste dossiê (Mariana Cardozo e Mariana Acosta). Finalmente, o livro resenhado neste dossiê – *Pensar, repensar, cambiar: cuando en mi clase de historia algo tiene que ser de otra manera* – também faz parte dessa produção escrita e publicada que inclui o trabalho analítico e teorizador dos professores de história.

Por outro lado, na Argentina, temos os estudos de Silvia Finocchio e María Paula González, entre outras também incluídas neste dossiê, como Marisa Massone, Nancy Romero e Vanesa Gregorini, que estudam as práticas docentes a partir da consideração da história escolar não como um subproduto da história acadêmica ou derivação de saberes sábios, não como metodologia, mas como produção específica – em sua origem, natureza, componentes e difusão – da cultura escolar. Essa perspectiva, em primeiro lugar, nos permite rever visões que enfatizam as adaptações, desencontros ou correspondências entre a história dos historiadores e a dos professores ou professoras. Em segundo lugar, significa considerar que o conhecimento escolar é atravessado por uma dinâmica que, por definição, é sempre histórica e social e, portanto, plausível de ser modificada pela ação humana. E, por fim, considera um amplo conjunto de agentes curriculares: o Estado, os professores, os autores de livros didáticos, materiais digitais e revistas educativas, estudantes, divulgadores, técnicos pedagógicos e também as famílias. Essa complexidade supõe tomar como referência fontes produzidas tanto dentro da escola quanto fora de seus muros. Essas investigações refletem sobre a relação entre permanência e renovação; atenção à cultura material como elemento constitutivo das práticas escolares e a valorização dos sujeitos escolares como agentes sociais a partir da indagação que articula fontes normativas (leis e desenhos curriculares), pedagógicas (textos escolares e revistas de professores) e as escolas e as aulas (caderno do aluno, observações de sala de aula, entrevistas com professores), entre outros, como

evidencia o artigo de Nancy Romero em relação aos livros didáticos escolares e o de Marisa Massone em relação aos documentários.

Inspirado nessas produções, este dossiê reúne estudos que tratam das diferentes práticas em distintos contextos, de forma que possamos ampliar o debate sobre as análises e as pesquisas desenvolvidas na sala de aula ou sobre a sala de aula e, ainda, discutir os sentidos atribuídos à palavra prática docente, cientes que os artigos não ensinam como se ensina ou como se deveria ensinar História. Ao contrário, a potência das experiências aqui apresentadas está na reflexão-análise-teorização que fazemos como professores e professoras sobre o que ocorre nas salas de aulas de História. Nesse sentido, a palavra prática ganha diferentes contornos. Vejamos com mais profundidade nos artigos do dossiê.

Indagar, analisar e teorizar são três verbos complementares que nos ajudam a compreender a sala de aula como espaço privilegiado de investigação, a partir de perguntas formuladas sobre os processos de ensinar – que no fundo é sempre a pretensão de ensinar – a aprender História. A sala de aula tem a centralidade, seja estudada pelo professor/a que atua diretamente nessa sala, seja pelo professor/a que atua na formação inicial para acompanhar futuros professores, seja estudada por um pesquisador ou um aluno de pós-graduação. E cabe lembrar que há muitos outros espaços, como museus, arquivos, memoriais, que se tornam, a cada dia, lugares potentes para aulas de história, como podemos ver neste dossiê.

No conjunto de textos que seguem, os autores/as indagam, analisam e teorizam a sala de aula, descortinando acontecimentos inesperados que podem surpreender os leitores. Os seis primeiros artigos são escritos por professores de história e partem do conhecimento direto e cotidiano, por vezes de longa data, de um ofício ao qual dedicaram suas vidas. Os três últimos nos mostram diferentes perspectivas de abordar esse mundo como pesquisadores.

## OS ARTIGOS DESTES DOSSIÊ

Em “‘Era assim que eu queria um Museu’: vivenciando temporalidades diversas nas aulas de História”, Mariana Cardozo analisa sua prática docente a partir da experiência de ensino de história para além da sala de aula, em dois museus da cidade de Florianópolis no contexto do pós-pandemia. O artigo

apresenta valiosas reflexões sobre os desafios da convivência escolar entre e com os estudantes no retorno às rotinas escolares. A partir de cenas de aula, a autora desenvolve uma reflexão acerca de sua prática de ensino de História, deslocando a aula para o museu, arriscando-se a sair das quatro paredes e a vivenciar uma experiência com seus estudantes. Trata-se de caminhadas educativas que partem de uma decisão didática da autora: mobilizar e questionar diversos conceitos eurocêntricos e cronológicos relacionados ao tempo histórico para ensinar a história na cidade. Em diálogo com Koselleck, ela analisa o valor de vivenciar as diversas camadas do tempo na história da e na cidade; no e do museu, pensado a partir dos problemas do presente. Para a autora, “sair da sala de aula em direção ao museu tem ressignificado a docência, entendida como um tempo presente de encontros e diálogos que nos desafia a encontrar os fios para tramar a continuidade, construindo uma experiência de tempo que nos mobilize para o movimento de aprender com a cidade”. Trata-se de uma reflexão potente que nos convida a pensar sobre o tempo diluído, fragmentado e instantâneo nas aulas de História.

Em “Ausencias y presencias en la América colonial. Pensar las mujeres y el abordaje de género en mi clase de historia”, Marcia González analisa um momento particular do seu segundo ano de curso, em que se cruzam a análise da proposta de trabalho com a da sua concretização ao longo do tempo, o que nos faz ouvir não só a voz da professora – intenções, fichas de trabalho, desenvolvimento da turma – mas também dos estudantes em relação às questões levantadas. O eixo do trabalho é a perspectiva de gênero que pode ser apreciada em diferentes textos relacionados à conquista espanhola do Rio da Prata, escritos por seus próprios protagonistas. Destaca-se a menção à atuação de mulheres como Isabel de Guevara, Mencía Calderón e – em outro registro – Sor Juana Inés de la Cruz. Na análise dos diferentes momentos da aula, apresentados no artigo, entrelaçam-se ferramentas de diferentes olhares da filosofia da história, como também de diferentes perspectivas, da história das mulheres, que, sem dúvida, estiveram presentes na época sobre essa orientação para essa seção do curso. Como em outros artigos, a obra de Márcia revela uma relação particular com as diretrizes curriculares, no sentido de que, embora essa orientação não esteja prescrita, ela não é desestimulada nem especificamente excluída.

Em “Imágenes en los espejos del pasado. El uso de las imágenes en mis

clases de Historia”, Marina Devoto analisa o uso de imagens em três momentos de sua trajetória profissional: no início da sua carreira docente, depois com 20 anos de experiência e a terceira como professora de didática de história. Constrói seu argumento evidenciando, ao longo de 23 anos, as mudanças na forma como operou com as imagens para abordar o passado em suas aulas: como ilustração e como fonte de informações apoiando o texto escrito. Na medida em que amplia os aportes teóricos com leituras historiográficas, compreende a necessidade de complexificar a análise das imagens, operando como fonte histórica. Tais leituras possibilitaram a ela “entender mejor a las imágenes como reflejos de espejos del pasado pero estos reflejos no resultaban fáciles de ver para mis estudiantes”. Ao mesmo tempo, a reflexão sobre sua prática permitiu concluir que “la mirada tiene que ser enseñada”. A autora nos instiga a pensar que as imagens como fonte “enseñan aspectos del pasado que la fuente escrita no puede hacerlo”.

Em “*La Odisea: una historia de guerra y de amor. Diálogos entre presente y pasado en una clase de historia*”, Ana Zavala analisa uma aula dedicada à narração de alguns fragmentos da *Odisseia*, evidenciando que “es posible mirar, con los ojos del análisis, una clase de historia como un diálogo profundo entre pasado(s), presente(s), y también futuro(s)”. É um convite para pensarmos os sentidos que se desdobram da narração como dispositivo de criação e recriação de imagens mentais sobre o ocorrido, entre leitura(s), escuta(s) e escrita(s) de histórias, textos não historiográficos que circulam entre o professor e os estudantes. O artigo trata não apenas da condição intertextual dessas narrativas, mas também de suas condições intertemporais, que se sobrepõem mutuamente: “Y por presente, debemos entender el presente de Homero, el de los historiadores, el de los profesores, y por supuesto, el de los estudiantes, todos individualmente considerados”. A autora enfatiza diferentes marcas temporais que passaram tanto pelo seu próprio discurso quanto por aquilo que os estudantes revelaram em seus trabalhos. Uma escrita que envolve a dimensão temporal do presente, analisando o passado em um cenário que tem um pé no público e outro no pessoal. É, como afirma a própria autora, uma aventura tecida com os fios do tempo nas aulas de história.

Em “Escribir un cuento para mi clase de Historia: un lugar para los saberes y la imaginación”, Mariana Acosta nos apresenta uma forma singular e inusitada de abordar o ensino de história. Seu artigo nos mostra como ela uti-

liza narrativas ficcionais de sua autoria, construídas com base em informações historiográficas sobre diferentes momentos da história antiga ou da pré-história. A autora informa que essa opção tem raízes autobiográficas, como na realidade todas as práticas têm, especialmente as educativas. Apostando no limite comum entre historiografia, narração e ficção, seu trabalho apresenta uma análise detalhada tanto da proposta de trabalho quanto de alguns momentos de sua execução. O artigo também revela a articulação entre várias perspectivas, sua – agente, autor, ator e analista – e a de alguns de seus estudantes, muitas vezes também autores de histórias do mesmo teor daquelas lidas em sala de aula. O artigo de Mariana Acosta permite-nos ver – realmente imaginar – através de seus olhos e de suas palavras, esse “mundinho” que é sua sala de aula, enquanto faz alusões a tons de voz, expressões faciais e sentimentos, o que a aproxima do que Pereira e Torelli propõem no artigo seguinte.

Em “Para uma crítica da consciência histórica pelos afetos: o ensino de História como desafio de uma aprendizagem das relações”, Nilton Pereira e Gabriel Torelli abordam, sob diferentes ângulos filosóficos, alguns dos problemas centrais do ensino de história e também da aprendizagem nas salas de aula. A partir de uma perspectiva fortemente crítica - aberta e sensível – do conceito de consciência histórica amplamente difundido no Brasil com a obra de Jörn Rüsen, os autores propõem um olhar a partir dos afetos, para os quais acabam por tocar na singularidade essencial tanto do ensino quanto da aprendizagem. Pereira e Torelli tentam mostrar uma forma não cartesiana de ensinar história, em que conhecer é, em última instância, sentir. De fato, em muitas línguas, o verbo conhecer e o substantivo saborear estão etimologicamente ligados, assim como sentir e sentido. Esse artigo conduz à análise de algumas situações de sala de aula – que estão em perfeita harmonia com os artigos que o precedem no dossiê – e que se concentra nos afetos dos professores e professoras que ministraram as aulas e no que eles podem interpretar a partir dos modos como dois estudantes se vinculam ao passado.

Em “El protagonismo invisible de los textos escolares en la enseñanza de las Ciencias Sociales”, Nancy Romero nos convida a pensar sobre a permanência dos livros didáticos em meio às diversas transformações ocorridas nas formas de ensinar e de se relacionar com os estudantes hoje. Para isso, interroga “qué nuevos sentidos y prácticas hacen posible que el libro de texto permanezca en el aula”. O artigo é inspirador também pelo caminho metodoló-

gico que envolve a permanência por um ano em duas escolas de Buenos Aires, observações, entrevistas, grupos focais e “y estudio de más de quinientas fotografías de carpetas de alumnos, libros de texto de los alumnos, situaciones de clase, actos, carteleras, paredes de las aulas, en cada escuela”. Nesse percurso, rico e criativo, a autora situa o professor e a professora como “fazedores” do currículo que participam ativamente da construção cotidiana da escola. Trata-se de um “trabalho artesanal” que realizam, transformando as propostas inscritas nos livros didáticos, de acordo com seus interesses: “mezclar”, “saltar”, “seleccionar”, “combinar”, “intercalar”. “Crear a partir de”, “componer una secuencia de actividades diferentes”, “ejecutar tal como está definido en el texto”, “preparar en base a”, “arreglar para adaptar [...]”. Certamente, um texto provocativo que amplia nossa compreensão sobre os sentidos das práticas escolares e nos instiga a conceber os professores e professoras como autores, intérpretes e usuários de livros didáticos.

Em “Prácticas de lectura de documentales en la historia escolar”, Marisa Massone apresenta parte de uma investigação qualitativa associada ao paradigma interpretativo, realizada em Buenos Aires com ênfase nos documentários do Canal Encuentro – parte de uma política pública. No artigo, ela analisa as particularidades desses materiais e como alguns professores e professoras se apropriam deles, destacando usos, sentidos e representações nas aulas de história. Em diferentes contextos, professores e professoras propõem o estudo de documentários, como textos escritos ou a sua leitura como cinema, ancorando a análise em algumas abordagens do discurso cinematográfico. Também preferem que os estudantes visualizem fragmentos, ou o documentário na íntegra, em casa ou na sala de aula, entre outras possibilidades. Ao fazê-lo, põem em jogo várias práticas de leitura, associadas a diferentes representações do cinema em geral e do documentário em particular. Eles também exibem e combinam vários significados historiográficos, pedagógicos e didáticos em sua leitura, emulando os vários componentes de uma aula, como, por exemplo, motivar seus alunos. A importância do artigo é a percepção de uma flagrante ausência de ensino da leitura desse tipo de material audiovisual, em um mundo permeado por imagens.

Em “Las prácticas de enseñanza en las aulas de historia: aportes y desafíos de la perspectiva etnográfica”, Vanessa Gregorini analisa práticas de ensino de história, a partir da análise crítica e reflexiva do conceito de cultura escolar. Para isso, recorre a Elsie Rockwell (2009) que, em uma perspectiva histórico-

-antropológica, sugere “enfatar el carácter heterogéneo, cambiante y constructivo de las relaciones y prácticas cotidianas que conforman las múltiples culturas escolares (en plural)”. Com esse aporte teórico, questiona “¿En qué sentido el enfoque etnográfico puede realizar aportes a las pesquisas educacionales?” Desse modo, formula alguns apontamentos para responder a essa pergunta, sem contudo, indicar um conjunto fixo de orientações, mas intenções que contribuem para se pensar as possibilidades da etnografia na pesquisa educacional. Ressalta também que esse enfoque “permite complejizar y encontrar matices a las explicaciones totalizantes que abundan en el campo educativo y en el académico, dando la posibilidad de acceder al presente y a la historia no-documentada de la escuela [...]”. Portanto, a autora nos convida a pensar as contribuições da etnografia na construção do conhecimento na Didática da História. Além disso, busca refletir sobre as dimensões metodológicas e os posicionamentos teóricos que dialogam na construção de um saber com caráter de fronteira e um campo de pesquisa para o qual contribuem diferentes disciplinas e enfoques.

A entrevista apresentada no dossiê intitula-se “El modo de mirar cuestiones más ligadas a las políticas educativas o al propio curriculum escolar siempre fue de abajo hacia arriba” e foi elaborada de modo colaborativo por Marisa Massone, Carmem Zeli de Vargas Gil e Ana Zabala, realizada em um encontro virtual em novembro de 2022. Nossa convidada é a pesquisadora argentina Silvia Finocchio. Doutora em Ciências Sociais pela FLACSO e Professora Associada de Didáctica y Prácticas de la Enseñanza de la Historia na UBA, Professora Titular de Historia General de la Educación da UNLP e Pesquisadora da FLACSO, onde também dirige a Especialización en Currículum y Prácticas Escolares en Contexto.

As pesquisas de nossa entrevistada focalizam as práticas escolares – tema central deste dossiê – com ênfase no ensino de história. Trata-se de um esforço interpretativo a respeito do que ocorre no interior da escola, dando conta das criações e renovações de sentidos e significados associados às práticas escolares cotidianas. Para isso, fundamenta sua produção nos estudos culturais associados à cultura escolar e reconhece a influência da História da educação e da História cultural nessa construção, em particular seguindo os postulados de Roger Chartier, Anne-Marie Chartier, Jean Hébrard e em especial Michel de Certeau. Silvia Finocchio compartilha, também, as derivações de seus estudos sobre as práticas na formação docente na Universidade de Buenos Aires.

Ao fazê-lo, destaca o papel da pesquisa sobre práticas docentes como contribuição para a formação de professores. Indica que o contexto pós-pandemia gerou uma extraordinária invenção de práticas, gerando novos desafios para quem investiga as práticas escolares.

Aylen Galina y Viviana Pappier escreveram a resenha do livro *Pensar, repensar, cambiar: cuando en mi clase de historia algo tiene que ser de otra manera*, organizado pela pesquisadora uruguaia Ana Zavala. Trata-se de uma compilação de artigos em que os autores e autoras, professores de história, analisam momentos de sua atuação profissional que os exigiram – e ao mesmo tempo lhes deram a oportunidade – de introduzir mudanças em diferentes aspectos de sua atuação profissional. O livro se destaca pelo alto nível de reflexão teórica em relação tanto às questões relacionadas aos conteúdos abordados nas aulas analisadas quanto aos próprios fundamentos – e questões – da prática profissional dos próprios autores e autoras.

Esperamos que a leitura deste dossiê promova muitos exercícios de pensamentos, possibilitando a criação, a autoria, a imaginação e a sensibilização dos agentes educacionais para considerar a sala de aula espaço de formação, diálogo, cidadania e produção de saberes e experiências.

## REFERÊNCIAS

- BARBIER, Jean-Marie. Analyse des pratiques: questions conceptuelles. In: Blanchard-Laville, C.; Fablet, D., (Eds.). *L'analyse des pratiques professionnelles*. Paris, L'Harmattan, 2000a, p. 35-58.
- BARBIER, Jean-Marie. Sémantique de l'action et sémantique d'intelligibilité des actions. Le cas de la formation. In: B. Maggi (Ed.), *Manières de penser, manières d'agir en éducation et en formation*. Paris: PUF, 2000b, p. 89-104.
- BARBIER, Jean-Marie. *Vocabulaire d'analyse des activités*. Paris: PUF, 2011.
- CARR, Wilfred; KEMMIS, Stephen (1986). *Becoming Critical*. Education, Knowledge and Action Research. New York/London: Routledge-Falmer, [Carr, W., & Kemmis, S. (1988). *Teoría Crítica de la enseñanza. La investigación-acción en la formación del profesorado*. Madrid: Martínez Roca].
- CHARTIER, Anne-Marie. Écrire les pratiques professionnelles : réticences et résistances des praticiens. En C. Blanchard-Laville & D. Fablet (Eds.), *Écrire les pratiques professionnelles. Dispositifs d'analyse de pratiques et écriture* (pp. 17-56). Paris: L'Harmattan, 2003.

- CHERVEL, André. (1991). Historia de las disciplinas escolares. *Revista de Educación* (295), 59-111 [Chervel, A. (1988). L'histoire des disciplines scolaires. Réflexions sur un domaine de recherche. *Histoire de l'Éducation*, (38), 59-119.]
- CIFALI, Mireille. J'écris le quotidien. *Cahiers pédagogiques*, n. 331, 1995, p. 56-58.
- CIFALI, Mireille; André, A. *Écrire l'expérience. Vers la reconnaissance des pratiques professionnelles*. Paris: PUF, 2007.
- CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. Teachers' professional knowledge landscapes: Teacher stories, Stories of teachers, School stories, Stories of schools. *Educational Researcher*, n. 25, v. 3, 1996, p. 24-30.
- COCHRAN-SMITH, Marilyn; LYTTLE, Susan L. *Inside/Outside: Teacher Research and Knowledge*. Teachers College, Columbia University Press, 1993.
- CUESTA FERNÁNDEZ, Raymundo. *Sociogénesis de una disciplina escolar: la Historia*. Barcelona: Pomares, 1997.
- FEBVRE, Lucien. *Combates por la historia*. Barcelona: Ariel, 1970. [FEBVRE, Lucien (1952). *Combats pour l'histoire*. Paris: Armand Colin, 1952.]
- GAGE, N. L., & VIEHOEVER, K. (Eds.). Panel 6: Teaching as clinical information processing. In: *National Institute of Education Conference on Studies in Teaching* (p. 1-65). Washington DC: National Institute of Education, 1975.
- GONZALEZ, María Paula. ¿De qué hablamos cuando hablamos de prácticas docentes? Apuntes desde la enseñanza de la historia a la luz de la pandemia. *Revista Escuela de Historia*, n. 19, v. 21, 2020.
- JULIÁ, Dominique. "A cultura escolar como objeto histórico". *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 1, v. 1, 2001, p. 9-43.
- LEE, Peter. Historical imagination. In A. K. Dickinson, P.J. Lee & P.J. Rogers (Eds) *Learning History*. (pp. 85-116) London: Heinemann Educational Books, 1984.
- LEE, Peter & SHEMILT, Denis. The concept that dares not speak its name: should empathy come out of the closet? *Teaching History*, n. 143, 2011, p. 39-49.
- LIEBERMAN, Ann ; WOOD, Diane. When teachers write. Of networks and learning. In: LIEBERMAN, A.; MILLER, L. (org). *Teachers caught in the action*. Professional development that matters. Press, NY, London: Teachers College, 2001, p. 174-187.
- RICHERT ERSHLER, Anna. The narrative as an Experience Text: Writing themselves back in. In: LIEBERMAN, A.; MILLER, L. (org). *Teachers caught in the action*. Professional development that matters. Press, NY, London: Teachers College, 2001, p. 159-173.
- RICCEUR, Paul. *Sí mismo como otro*. Madrid: Siglo XXI, 2006. [Ricoeur, P. (1990). *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil].

- RITCHIE, J. S., & Wilson, D. E.. *Teacher narrative as critical inquiry: Rewriting the script*. New York: Teachers College Press, 2000.
- SCHUBERT, William. Personal Theorizing about personal theorizing. In E. Wayne Ross, Jeffrey W. Cornett; Gail McCutcheon: *Teacher personal Theorizing. Connecting curriculum practice, theory and research*, 1992, p. 257-272. New York, State University of New York.
- STONE, Linda. Philosophy, meaning constructs and teachers theorizing. In E. Wayne Ross, Jeffrey W. Cornett; Gail McCutcheon: *Teacher personal Theorizing. Connecting curriculum practice, theory and research*, 1992, p. 19-34. New York, State University of New York.
- VIDAL, Diana. Culturas escolares: entre la regulación y el cambio. *Revista Propuesta Educativa*, v. 4, n. 28, 2007, p. 28-37.
- WHITEHEAD, Jack. Using a living theory methodology in improving practice and generating educational knowledge in living theories. *EJOLTS*, 1 /1, 2008, 103-126.
- ZAVALA, Ana. Pensar teóricamente la práctica de la enseñanza. *História Hoje*, vol. 4/8, 2015, p. 185-203.
- ZAVALA, Ana. La investigación práctica de la práctica de la enseñanza. *Clío y Asociados. La historia enseñada*, v. 12, 2008, p. 241-271
- ZAVALA, Ana (comp.). *De la práctica a la escritura. Trece ejercicios en torno a la práctica de la investigación y a la de la enseñanza*. México, Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, 2017.

## NOTAS

<sup>1</sup> Alguns dos quais são disponíveis em: [http://biblhttp://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/bitstream/123456789/50902/1/cuaderno-de-historia-11\\_otras-aulas-otras-historias.pdf](http://biblhttp://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/bitstream/123456789/50902/1/cuaderno-de-historia-11_otras-aulas-otras-historias.pdf) <https://universidad.claeh.edu.uy/blog/la-ensenanza-de-la-historia-en-modo-pantalla-aavv>

<sup>2</sup> Gil, C. Z. V. e Massone, M. (Org.). *Múltiplas vozes na formação de professores de historia: experiências Brasil-Argentina*. Porto Alegre: EST Edições, 2018.

